



ALLEMANHA — RATISBONNA.

RATISBONNA, hoje capital do círculo de Regem, no reino de Baviera, é uma das mais antigas povoações da parte superior do Danubio. Está situada na confluência d'este rio e do Regen, em um torrão fértil e delectoso.

Os romanos davam a esta cidade o nome de *Reginum* ou *Castra regina*; o imperador Tiberio ali mandou estanciar a 4.^a legião.

A origem de Ratisbonna perde-se na noite dos tempos. Os seus habitantes converteram-se ao christianismo em 185; mas sómente no 8.^o seculo fundou S. Bonifacio a sua primeira diocese episcopal. Pouco depois Ratisbonna tornou-se cidade livre, e começou de crescer em riqueza e importancia. Apo-

sar do incendio, que a reduziu quasi totalmente a cinzas, no anno de 1406, esta cidade foi durante a idade media um das praças de commercio mais importantes da Allemanha.

Depois que o ousado argonauta portuguez Vasco da Gama, dobrando o cabo da Boa Esperança, abriu um novo caminho para a India, Ratisbonna perdeu grande parte da sua importancia, que debalde se pretendeu depois restituir-lhe. Todavia pode ainda dizer-se uma povoação florescente. Contem actualmente 25:000 habitantes. Cingida de velhas muralhas e de um fosso largo e fundo, e, como todas as antigas povoações, cortada de ruas irregulares, estreitas, sombrias, mal calçadas. Em poucas cidades,

não só da Allemanha senão da Europa, se encontram tantos monumentos da meia idade; as mesmas habitações dos abastados, flanqueadas de torres, recordam a epocha em que estes tinham de defender-se e á sua propriedade e fazenda da aggressão dos proprios cidadãos.

Mas o edificio principal de Ratisbonna é a cathedral de S. Pedro, uma das maravilhas da architectura gothico-allema. Depois do desastroso incendio, a que acima nos referimos, começou-se desde logo a construcção da nova igreja. No 17.º seculo porém os trabalhos não tinham terminado, e ainda hoje estão por acabar as duas torres.

S. Pedro é um monumento notavel, tanto pelo gosto da decoraçào interior, como pela imponente magestade do exterior.

O rei Luiz de Baviera ordenou modernamente que a cathedral de S. Pedro fosse completamente restaurada; os trabalhos que se executaram em cumprimento d'esta ordem são eloquente prova do gosto e intelligencia artistica do monarcha bavaro.

Um dos objectos mais curiosos da cathedral é sem duvida o poço gothico, que a estampa representa, e d'onde se extrahia a agua necessaria para os exercicios religiosos.

Existem em S. Pedro, entre outros muitos tumulos, o do grande Alberto (*Albertus Magnus*) famoso doutor do 13.º seculo, e o do celebre astronomo João Képler, que falleceu em 15 de novembro de 1630.

Não é comtudo S. Pedro o unico monumento que merece ser visitado em Ratisbonna. São dignos de attenção igualmente a velha igreja parochial de S. Ulrico, o convento dos beneditinos de S. Thiago, a igreja de S. Emerant, os antigos paços da municipalidade, que foram desde 1663 até o começo do presente seculo, a séde da dieta germanica, e a ponte de pedra lançada sobre o Danubio, que remonta ao 12.º seculo.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

IV.

Politica de Mahomet II, continuação de suas conquistas, e sua morte.

Posto que a tomada de Constantinopla e queda do imperio do Oriente tivesse sido um acontecimento de ha muito previsto e esperado, causou porém em toda a Europa a mais profunda sensaçào. Não houve um só governo, que ao receber tal noticia deixasse de se possuir de serios receios pela sorte do seu paiz. Tarde se arrependiam de não terem amparado e protegido esse imperio cuja queda tanto os assustava. Tarde e muito tarde, porque tal amparo e protecção só podiam ser proficuos, quando aquelle grande colosso principiou a desmoronar-se, e a engrandecer com os seus despojos o gigante, que o devia devorar. Depois já não valiam auxilios humanos para segurar a existencia de um corpo decepado e moribundo, donde a vida se escapava independente mesmo de violencia estranha.

Em vez de se unirem para oppôr uma barreira á invasão musulmana, todos os soberanos permaneceram na mais completa inacção em quanto progredia o desenvolvimento d'aquelle drama. Só depois da catastrophe é que viram bem patente o desequilibrio da balança europea. Mas ainda então, em vez de se armarem contra o inimigo commum, apenas deram mostra do terror que os tomara e da fraqueza que

os possuia. Toda a Europa soffreu nas pessoas de centenas de auxiliares, pertencente a diversos paizes, que haviam corrido voluntariamente em defeza da causa grega, e entre os quaes se achavam nomes muito illustres, soffreu dizemos, nas pessoas d'elles quantas affrontas e humilhações foram precisas para saciar o orgulho e altivez do conquistador. E na resignaçào com que foram soffridas todas essas injurias viu Mahomet atravez do futuro as victorias, que o destino lhe guardava.

Illustrado na politica, como estremado na guerra, Mahomet tratou logo depois da tomada de Constantinopla de consolidar o seu governo no paiz conquistado. Fez voltar para a cidade os habitantes, que a tinham desamparado; promulgou leis adaptadas aos usos e costumes de seus novos subditos, em que lhes dava garantia para a segurança de suas propriedades e para a satisfacção de sua justiça; consentiu-lhes o culto da religião christã, mandando conservar e respeitar os seus templos, á excepção da basilica de S. Sophia e de mais algumas outras igrejas, que dedicou ao islamismo; finalmente reparou os edificios publicos das ruinas que a guerra lhes causara, e levantou outros de novo. E fez ainda mais para conciliar a boa vontade da população christã. Como tivesse morrido o patriarcha de Constantinopla, ordenou que se procedesse á nomeaçào do seu successor, observando-se n'este acto todas as ceremonias do costume. Apenas nomeado o prelado, convidou-o para um lauto banquete, durante o qual pôz todo o desvelo em obsequial-o e honral-o. E assim se perpetuou até nossos dias a successão e nomeaçào dos patriarchas de Constantinopla.

Tendo regulado d'est'arte os negocios internos de seus estados, preparou-se Mahomet para proseguir no caminho das conquistas, para onde o impelliam o seu character guerreiro, a sua ambição de gloria e de poder, e a sorte dos imperios que reservava para a raça ottomana um patrimonio immenso, e a mais brilhante gloria.

Fortalecido pois moral e physicamente com a destruição do imperio bysantino; e cercado de um prestigio, que fazia caminhar o terror diante de suas armas, empunhou Mahomet o estandarte do propheta, e lançou a luva a toda a Europa.

Debalde lhe saíram ao encontro Hungadas e Scanderberg (*Iskender-Bey*), dous illustres guerreiros, tão experimentados na arte da guerra quão afeitos a vencer. Nem os esforços do heroe da Hungria, nem o valor do chefe albanez puderam obstar a que a Servia, a Valachia, a Bosnia, o Peloponeso, Athenas e toda a Grecia, e o imperio de Trebisonda curvassem o colo ao jugo musulmano. A Hungria viu-se continuamente talada pelos exercitos turcos, e a moderna republica de Veneza, a soberba senhora dos mares, perdeu o Negroponto, viu offuscada a sua gloria maritima pelas esquadras ottomanas, e até devassadas pelos vencedores as proprias margens do Tagliamento!

Emfim, depois de ter avassallado dous imperios, o do Oriente e o do Trebisonda, sete reinos, e além d'isto mais de duzentas cidades e villas, Mahomet II morreu repentinamente junto a Máltêpe, em frente da ilha dos Principes, a 3 de maio de 1481, achando-se então á frente de um poderoso exercito, cuja empreza ficou ignorada. Pouco tempo antes da sua morte teve o pezar de ver eclipsada a meia lua do propheta junto aos muros de Rhodes, galhardamente defendidos pelos cavalleiros de S. João de Jerusalem. Mas nem por isso deixou de alimentar um projecto audacioso, a conquista da Italia, que o occupava seriamente quando a morte o surpreendeu

aos cincoenta e dous annos de idade, e trinta de reinado.

Mahomet, apesar de alguns graves defeitos, que de ordinario andam a par das grandes qualidades, reuniu em si quasi tudo quanto constitue o homem de genio. Conquistador e legislador, protector das artes e sciencias, que elle proprio cultivava; fundador de quantos estabelecimentos uteis a civilisação da epocha aconselhava; audaz em conceber e metter hombros a empresas arriscadas e grandiosas; valente e corajoso no campo da batalha; prudente e politico no gabinete; energico finalmente na paz e na guerra, Mahomet II pode ser julgado como um d'esses homens, que o destino envia ao mundo de seculos a seculos para fundar ou engrandecer imperios, e dar nova face á civilisação geral da sociedade.

Entretanto, apesar de todos esses dotes eminentes, que o distinguam sobremaneira, apesar de muitas circumstancias especiaes que favoreceram seus planos ambiciosos, não lograria por certo subir tão alto em poderio e gloria, que fez sombra a toda a Europa, nem veria tantas nações sujeitas ao seu sceptro, se Constantinopla o não habilitára pelo seu magnifico porto a crear esquadras, que elevaram a Turquia ao grau de primeira potencia maritima, e pela sua posição geographica a dominar na Asia e a estender pela Europa a sua influencia e poder.

V.

Primeiras relações entre a Russia e a Turquia, primeira revolta dos janisaros.

A MORTE de Mahomet II veiu dar treguas á christandade, e paralisar os triumphos das armas ottomanas. Apenas seu filho Bajazeto II foi proclamado sultão rebentou a guerra civil entre este principe e seu irmão mais novo, chamado Djim, e mais conhecido na Europa pelo nome de Zizimo, que lhe disputava o throno. Duas vezes em campo, e outras tantas derrotado e obrigado a expatriar-se; ora refugiado no Egypto, ora acolhendo-se á protecção dos cavalleiros de Rhodes; prisioneiro em París, captivo em Roma; umas vezes feito o joguete da diplomacia, victima outras vezes da perseguição de seu irmão, este desafortunado principe, depois de percorrer toda a escala do infortunio durante o longo espaço de quatorze annos, morreu envenenado em Napoles em 24 de fevereiro de 1495.

Só então Bajazeto se considerou seguro na posse do imperio e livre para proseguir no caminho trilhado por seu pae; livre, porque até ali o receio do partido de Zizimo constrangia-o continuamente a ter deferencias ou a fazer tratados desvantajosos com os diversos governos, que a seu turno dispunham da pessoa de seu irmão, ou podiam influir na sua sorte.

Tornou pois a accender-se a guerra, que durou bastantes annos com successo vario, e na qual tomaram parte a republica de Veneza, o papa, a Hungria, a Polonia, a França, Hespanha e outras nações. A tomada de Lepanto e algumas outras conquistas não indemnizaram comtudo a Turquia das graves perdas que soffreu, quer no mar, quer em terra.

Infeliz no começo do seu reinado, e em quasi toda a continuacão d'elle, Bajazeto não foi menos desditoso no fim da sua carreira. Obrigado pelos janisaros a abdicar em Selim seu segundo filho, em prejuizo do primogenito, falleceu poucos dias depois envenenado, segundo dizem, por ordem de Selim (1512).

N'este reinado tiveram logar dous acontecimen-

tos de pouca importancia ao primeiro intuito, mas que foram sem duvida o germen da decadencia do imperio ottomano. O começo das relações entre a Russia e a Porta, e a parte que os janisaros tomaram na abdicacão de Bajazeto II, foram esses dous successos de fataes consequencias para a prosperidade e independencia da Turquia. O primeiro, que se realison no anno de 1495, quando o czar João III (Ivan III) enviou um embaixador a Constantinopla para negociar um tratado commercial, que conseguiu concluir, foi o preludio d'essa sinistra influencia, que a Russia tem exercido na sorte do imperio turco desde o reinado de Pedro o Grande até nossos dias (1). O segundo, posto que não tomou as feições de um grave conflicto, pois que os janisaros se limitaram a pedir a Bajazeto a sua abdicacão em favor de Selim, attendendo á sua idade avançada, foi o principio d'essa terrivel intervenção, que tão poderosa milicia exerceu d'ali por diante nos negocios do estado, fazendo pezar a sua força, sempre maleficamente, na balança dos interesses publicos (2).
(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

AS POESIAS de Mendes Leal podem dividir-se em tres cathogorias: *Meditações religiosas; Cantos heroicos; Paixão e Sentimento.* Ha uma quarta a *Satyra politica*, cuja indignação fremente, cujo verso armado de acúleos, desgrenha sem baixeza as tranças da severa Nemesis, ainda bella apesar da ira. Começaremos pelas *Meditações.*

O primeiro hymno religioso é á resurreição de Christo e foi escripto em 1842. Em verso endecasyllabo, a contemplação catholica exprime-se com a magestade propria da grande scena. Luctando com o cantico de Manzoni ao mesmo assumpto, Mendes Leal não lhe é inferior, se o não excede. A pompa e a propriedade do metro, a opulencia viril da lingua, a harmonia do verso, e a côr severa e quasi biblica do estylo, não affrouxam acompanhando o espirito crente que estuda sobre o tumulo do homem Deus a *novissima verba* do futuro. Manzoni abre a primeira estrophe por uma interrogacão:

E risorto: or come a morte.
La sua preda fu ritolta?
Come ha vinte l'atre porte
Come é salvo un'altra volta
Quei che giacque in forza altrui?

O poeta portuguez encerra-se no templo, e principia descrevendo o terror santo e a escuridão apenas cortada pela alampada agonisante que:

(1) Desde 1492 que João III fazia as maiores diligencias para entabolar relações com a Turquia.

(2) O corpo dos janisaros foi creado por Orkan I. Em seu começo foi composto de mil mancebos christãos feitos prisioneiros, e constrangidos a abraçar o islamismo, e todos os annos era pela mesma forma augmentado. De Mahomet II por diante o recrutamento para esta milicia ficou-se fazendo unicamente nos filhos dos janisaros e nos indigenas.

Em subitos clarões intermittentes
Quasi finge suspiro derradeiro
D'homem que vae morrer. . .

A hora é meia noute, hora sagrada ao mysterio e á meditação. A' medida que a descripção se aproxima do Sepulcro, a phrase anima-se, a idéa aviva, e a alma absorta e reverente eleva o canto :

Na funda solidão sómente eu vélo.
Dorme tudo em redor. A paz solemne
Que me cerca, e me envolve, é paz do tumulo.
Tumulo! . . . Acaso um tumulo não vejo
Lá no estremo da nave tenebrosa?
Não a vejo eu tambem crescer-me ao longe,
E alongar-se, e alongar-se?... é certo! Ao fundo
Os muros emblematicos do templo
Deixam patente, como um véu, rasgados,
Em deserta campina, calva e triste,
De informes, cadavericos penedos
Toda orlada em redor, o vulto grave
D'um tumulo singelo. — Eil-o, que o vejo,
Vejo-o d'aqui. . . A' lisa cabeceira
Pendida a fronte, o rosto annuveado,
Com ar de quem magoado se lamenta,
Um anjo d'azas candidas se assenta.

Quem jaz ahí? . . . Eis subito refulge
De viva luz, de immensa claridade
O rosto ao Cherubim — celestes córos
Suspensos os sentidos arrebatam
O coração. — Os angulos do tumulo
Raios lançam, que cegam deslumbrando,
A pedra sepulcral partida estala
Lume vivo golphando... é Elle!... o Eterno
O Homem Deus, o Martyr da montanha.
.....
Faces no chão, mundanos. Já por terra,
Homens vaidosos. Universo exulta,
Humilha-te ao teu Deus. Eil-o que surge
Em toda a pompa, em toda a magestade
Da sua eterna gloria.

Como é cheia de anciedade a antithese, e repassada de sentimento christão! Que esplendida imagem a que responde á pergunta: « Quem jaz ahí? » com as torrentes de luz subito derramadas, com o clarão divino nas aureólas do cherubim, com os celestes córos saudando Christo rei da vida, e os raios faiscando das trevas do tumulo, cuja pedra estala á mão potente de Deus! Como o Messias, o Martyr, o Mestre, sae radioso da noute e do terror da morte, e o céu em jubilo abre os braços dos archanjos ás tristezas da terra! Que movimento de adoração na voz do poeta; como a estrophe tem um cantico para cada harmonia do mundo resgatado! E no meio do concerto mystico, descendo da montanha, ao bosque, das trepidas torrentes entoadas aos desertos suspirosos, como a vista deslumbrada segue nas alturas a grande victima do Golgothia, quando o vate no extasis exclama:

..... Alumiaes-o, estrellas.
Astros do céu bordae-lhe o caminho.
Curvae-vos, gerações, e respeitosas,
Sumi no pó as fronte orgulhosas!

E menos pomposo, e não tão elevado o hymno de Manzoni. Falta-lhe igual amplidão nas imagens e nos tons. O sublime drama não passou pelo seu espirito, como o sépro de Deus pela face de Job, fazendo aquelle estremecimento do coração, se o bello

nos arrebatava. Os versos finaes da poesia portugueza dão o sentido catholico do mysterio a que a musa offerece o incenso. No dogma da remissão, a figura suave da esperança sobre o tumulo d'onde raíou a vida espiritual, é uma idéa grandiosa que o genio theocratico do Dante faria sua.

E o Cherubim, que o tumulo guardava
Permaneceu no mundo á voz do Eterno
Fara o velar sem fim — que n'esse tumulo
Porta augusta dos céus ficou patente
De Christo, Martyr, Deus, a estrema herança,
O thesouro dos homens, a esperança!

Manzoni termina com unção evangelica, porém menos profundamente:

Oh, beati! a lor piu bello
Spunta il sol de'giorni santi.
Ma che fia di chi rubello
Mosse, ahí stolto! i passi erranti
Su la via che a morte guida?
Nel Signor chi si confida
Col Signor rissorgerà.

Outro hymno o *Christus sepultus!* composição posterior, parece-nos mais desigual. Nas descripções a interpretação da natureza liga-se com a formula catholica para chegar á contemplação do mysterio. Em um exordio cheio de vigor pinta o véu melancolico que peza sobre o mundo; as trevas descendo da cruz aonde o sacrificio se consumou sobre o coração do homem remido por elle. E o mesmo rythmo, a mesma palavra pittoresca, o mesmo verso nervoso. O campanario, erguendo-se na aldêa entre casas alvejantes, apparece ao poeta durante as meditações da paixão, em que a escuridão é profunda, e o silencio prenhe de terror:

Como o Apostolo da fé, que a fé pregoa
Entre um povo a seus pés, orando curvo.

.....
Sobranceiro, de pé, erguido ao alto
No anguloso contorno, recortado:
Grave e austero, n'um céu austero e grave
Só elle e mais ninguem — braço estendido
D'entre o luto da terra á paz da noute!

Depois a imagem levanta os gemidos das ondas nas fragosas ribas da costa, e a figura do oceano embravecido:

..... Quando a pino
Sacode sobre a terra a crespá juba
E na juba o terror!

é de um effeito epico. Nada mais constricto do que a exclamação da alma inclinada perante o Calvario, quando o homem:

..... Rei d'um momento
Larga o throno mortal, roja o diadema,
Depõe o sceptro seu, e pobre e humilde,
Sobre aquella realza d'um captivo
Por fraco se confessa, e nú se prostra!

Uma cousa nos desagrada n'esta pagina de tanta força lyrica: é a alteração repentina do metro, e o captiveiro da rima acceito sem necessidade. A estrophe de cinco versos quebrados (quintilha) destôa da amplidão magestosa do verso branco. A paixão severa e tragica em quadros taes não admitte estes

artifícios da forma. É uma belleza a variedade dos rythmos; é uma opulencia ás vezes o primor da rima e o lavor da phrase; mas nem todos os assumptos as abraçam; sobre tudo se fôr preciso que o pensamento domine, e que alce o vôo sem grilhão. A expressão nas medidas curtas affrouxa e amollece; as desinencias uniformes e a symetria sacrificam a idéa ao ouvido, estreitam e descoram a imagem. Quando o espirito e a imaginação se elevam a Deus, e das alturas epicas contemplam o nada do homem e das suas vaidades a forma não deve apertal-as em proporções inferiores ao vigoroso raptó. Linguas ricas e numerosas dispensam estes ornatos, se a natureza e o movimento da obra os não suscitam.

Estamos longe porém de condemnar em absoluto a applicação dos metros rimados. O gosto e o assumpto dão a verdadeira lei aos segredos da forma. Na *Visão de Ezechiél*, composta depois, Mendes Leal sabe colher d'elles todo o exito. Expressando a desordem dos sentidos e o sublime horror do vidente, a variedade e a medida mais ou menos lenta do verso estão no seu logar, e acompanham naturalmente os impetos da alma, e a imagem oriental em que se engasta a phrase biblica.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



ACADEMIA CELTICA.

A ACADEMIA celtica, fundada em Paris no anno de 1804, tinha por fim reconstruir, quanto fosse possível, a historia dos celtas, com os elementos que se encontram nos escriptos dos antigos, procurar e estudar escrupulosamente os seus monumentos, restaurar a sua lingua, e esclarecer por meio d'ella as origens dos diversos idiomas da Europa. Celebrou-se a sua primeira sessão no dia 15 de fevereiro de 1805.

A academia compunha-se de setenta e dous membros residentes, cento e quarenta não residentes, e sessenta e seis correspondentes. Entre os socios contavam-se algumas das maiores capacidades da epocha como, por exemplo: Lalande, Fontanes, Fourcroy,

Lacepède, Pastoret, Volney, Humboldt, Fourier, etc.

Em 1807 publicou-se o primeiro volume das memorias da nova academia celtica, cujos trabalhos proseguiram com certa frouxidão nos annos seguintes, até que, reconhecendo-se que em França não existiam monumentos celticos em numero tal que pudessem fornecer exclusivamente assumpto para os estudos de tantos e tão abalisados antiquarios, foi extincta a academia celtica, ou, para melhor dizer, refundida na sociedade dos antiquarios de França, que ainda subsiste, e tem prestado importantissimos serviços ás sciencias historicas.

A medalha, reproduzida na nossa gravura, foi mandada cunhar pela academia celtica para coroar os trabalhos, por ella approvados. No reverso tinha uma corôa de carvalho e de agárico, o nome da academia, a data da fundação, e a inscripção: *Gloriae majorum*.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

III.

No DIA 27 de outubro de 1850 navegámos por outra vez os mares d'Italia, tendo-nos embarcado em Genova no vapor francez *Languedoc*, que poucos dias antes tinha sido benzido pelo bispo de Marselha, o qual fez a bordo do mesmo uma pequena viagem, em desempenho das suas obrigações pastoraes, e que se antecipou áquella, em que nós o aproveitámos, com perto de cento e quarenta e oito companheiros viajadores.

Saímos de noite, que estava escura; via-se a distancia a trovoada; o tempo correu contrario, porém Deus guardou-nos, e gastámos umas onze horas de Genova a Liorne, onde nos demorámos até por seis horas da tarde, reembarcando, e seguindo viagem para Civitavecchia, que nos recebeu pela manhã, e com pouca differença do numero de horas, empregadas a navegar, de Genova para Liorne.

Muitos são os barcos de vapor que, differentemente embandeirados, partem d'uns para outros portos da Italia, e que por esta passam para mais longe. Não foi de muito tempo a nossa viagem, entretanto navegámos no Mediterraneo em quatro d'elles.

A nossa demora foi até a hora da partida da *diligencia*, que nos apresentou em Roma, com umas onze horas de caminho.

Rendidas as graças a Deus pelo successo da viagem, começamos a visitar, no mesmo dia da chegada, a *cidade eterna*, que o é realmente quando se considera como a séde do supremo pastor, do chefe visível d'este grande corpo moral, a Igreja catholica.

Para fazer a descripção de Roma, seria necessario residir ali por muitos annos, reunir muitos conhecimentos, ter um gosto delicado, uma imaginação viva, o talento de communicar aos outros os sentimentos por que se é penetrado, e escrever finalmente muitos livros. Roma só se assimelha a Roma.

Eis como começa uma das suas cartas o abba de De Geramb, na sua *Voyage de la Trappe à Rome*.

E continúa: Imaginae uma cidade com trinta e cinco portas, contendo trinta basilicas, duzentas igrejas, cento e cincoenta grandes capellas, que são como igrejas, cincoenta palacios notaveis, sessenta templos antigos, dezeseis arcos de triumpho, muitos obeliscos trazidos do Egypto, um grande numero de museus cheios de estatuas, e um maior numero de galerias contendo milhares de quadros. N'esses monumentos, n'essas estatuas, n'esses quadros, que per-

tencem a diferentes seculos, que bellezas se não contém, que genio se não revela?

Faltam-nos os elementos e a força para descrever e fazer sentir tanta arte, tanto esmero, tanto valor!

Roma, que André Crénier cantou assim :

Rome antique, partout, Rome, Rome, immortelle,
Viv et respire, et tout semble vivre par elle.
De l'Atlas au Liban, de l'Euphrate au Betis,
Du Tage au Rhin glacé, de l'Elbe au Tanaïs,
Et des flots de l'Euphrate a ceux de l'Hyrcanie,
Partout elle a gravé le sceau de son génie.

Roma não admitte uma meia descripção.

O viajante, que entra n'esta capital vive em muitos seculos! Parece-lhe passarem antes seus olhos es, ses exercitos de soldados romanos, gallos, germanos-gregos, africanos, armados e trajados a uso diferente. Encontra-se com o *Capitolio*, e com o *Forum*; pára ante o *Pantheon de Agrippa* e o *Colysseu*; vê o circo de *Nero* e o *Tibre*; e quando vê este, com as suas aguas turbidas, lembra-se como correm pressurosos os seculos, e como a ignorancia dos homens os confundê!

O viajante em Roma fita curioso os olhos sobre esses monumentos de todas as idades; sobre esses trabalhos dos reis, dos consules, dos cesares e dos pontifices: sobre esses obeliscos arrebatados ao Egypto; sobre esses mausoleus tirados á Grecia, sobre essas *thermas* ornadas de bibliothecas; sobre esses palacios, uns em ruinas outros meio demolidos para se alevantarem novas edificações, além dos que sustentam toda a sua magnificencia e elegancia; se o viajante mira a grandeza d'esse horisonte bem adequado ás grandes linhas da architectura, e se ainda estende os olhos por de sobre esses aqueductos, ao modo de raios de circulo, convergindo em um só ponto, e dando passagem sobre arcos de triumpho ás aguas, que deviam apagar a sede d'um povo rei; se o viajante se vê rodeado d'essa immensa quantidade de estatuas, que com a sua nudez parece quererem corrigir este seculo garulo; e se ouve esses ruidos fontanaes; depois de de tudo isto dá razão a Chateaubriand, quando diz: Roma foi destinada para o dominio e duração.

Roma ergue-se magestosa, parecendo querer fazer gala do seu isolamento! sua sombra só quer abrigar recordações e memorias! e assim o viajante depois de ter com fadiga superado a cupula de *S. Pedro*, amostra-se-lhe das varandas exteriores uma campina inculta e despovoada, enxergando aqui, acolá, ao longe, os fragmentos dispersos de algum monumento.

Mas o que importam as bellezas da campina, os risos do campo, o pratear dos rios, o verdejar dos bosques, e ainda o canto das aves, e o cheiro das flores, quando a alma entregue a meditação profunda, é arrebatada pelo desejo de saborear a historia, estudar as artes, e vêr o papa? o papa, a cuja instituição divina se acha ligado tudo, que em Roma se encontra de notavel ou curioso?!

E de feito, se Roma é visitada por todas as gentes e nações, é porque não só reside lá o chefe visível da Igreja, mas porque aos successores de *S. Pedro* deve essa cidade a conservação dos seus monumentos, a criação de muitos d'elles, a riqueza de seus museus.

E nem se julgue, que isso é estranho aos designios da Providencia! Quantos são attrahidos a Roma por a curiosidade e estudos archeologicos, por a belleza das artes, e que extraviados do rebanho de Pedro, recebem ali impressões, que só se acalmam ao entrar no gremio catholico! Em Roma vivemos nós com

uma familia, cuja dona da casa era protestante, e que não teria ido a Roma, senão fóra a nomeada que a aclama. Porém como as idéas catholicas actuam ali com tanta força, esta senhora, como tem acontecido a outras muitas pessoas, fez-se catholica: seu marido tinhã sido tambem protestante.

A affluencia dos estrangeiros á Italia, e a Roma, é tal, que a sua falta se torna sensível, se qualquer evento os afasta, como no tempo de revolução.

Depois dos ultimos acontecimentos, era o inverno de 1850 para 1851 o mais concorrido.

Na igreja, nos museus, nas ruinas, junto de qualquer pedra, se encontrava o observador do oriente e do occidente, do norte e do sul, e sempre a confissão de que a Igreja é catholica.

E boa descripção poderiamos fazer, se concertassemos com tanta gente discreta, que de continuo se reveza em Roma, a noticia bem imperfeita, que vamos dando.

Comecemos por fallar de *S. João de Latrão*. *S. João de Latrão*, o primeiro, e principal templo de Roma e do catholicismo — *Ecclesia urbis et orbis mater et caput*, fundação de Constantino Magno, foi consagrada pelo papa *S. Silvestre*, no anno de 323. *S. Silvestre* a dedicou *Christo Salvatori*, a 9 de novembro de 324, e se lhe chamou *basilica d'ouro*, *basilica aurea*, em razão das preciosidades, que a enriqueciam. No seculo 12.º, foi dedicada a *S. João Baptista*, e depois ficou chamando-se commummente *Basilica de S. João de Latrão* (1).

Esta basilica, tambem celebre por os doze concilios, entre geraes e provinciaes, ahí celebrados, depois de ter sido conservada por dez seculos, foi quasi toda destruida pelo fogo em 1308, no tempo de *Clemente V*. Porém o mesmo papa *Clemente* destinou uma grossa somma para a sua reedificação, e foi depois adornada por *Urbano V*, *Alexandre VI*, *Pio IV* e *Sixto V*, e d'ella tem continuado a curar seus successores.

Sobre o portal se collocou a estatua de *Constantino* o fundador; e foi tambem collocada, sobre a porta lateral, a de *Henrique IV* de França, como bemfeitor.

Clemente VIII, *Innocencio X*, *Clemente XII* e *Alexandre VII*, fizeram tambem sentir em *S. João de Latrão* a sua acção benéfica.

N'esta basilica se guardam duas venerandas e preciosas reliquias, que são as duas cabeças de *S. Pedro* e *S. Paulo*, fazendo parte de dous bustos de prata, que tem sobre o peito uma flor de lis em diamantes, presente feito á igreja por *Carlos V*, de França.

Ha em *S. João de Latrão* tres bellas capellas; a mais curiosa é a *Corsini*, dos principes d'este nome. *Clemente XII*, d'esta familia, lá descança em uma urna de porphyro, que esteve por muito tempo debaixo do *Pantheon*, e cre-se ter guardado as cinzas de *Agrippa*. Esta capella é só per si digna d'uma descripção.

Em *S. João de Latrão*, sobre o jazigo de *Bonifacio VIII*, vê-se uma pintura a fresco, representando o pontifice no meio de dous cardeaes no acto de publicar o primeiro jubileu do anno santo, era de 1300.

A descripção exacta de tal basilica, a primeira igreja em que os papas se assentaram, e assentam, não cabe nos estreitos limites de um artigo de jornal. Passemos pois a dar uma breve noticia da igreja de *S. Pedro*.

(1) É dedicada como se diz no texto, e tambem a *S. João Evangelista*. Não sabemos se esta ultima de que fallamos foi feita pela mesma occasião no seculo 8.º

Este magestoso edificio, segundo a expressão de Geramb, não pode ser comparado com algum outro, nem na vastidão e regularidade das proporções, nem na riqueza e elegancia dos ornamentos. É necessario entrar ali muitas vezes, e ainda depois achareis novidade. Á primeira visita fica-se attonito da magnificencia da fabrica, da nobreza do pensamento, do arrojo da traça, e do primor da execução artistica, que tornam a igreja de S. Pedro uma verdadeira maravilha.

No anno 323 tinha Constantino feito edificar, no mesmo lugar onde hoje está a basilica de S. Pedro, uma outra, em honra do principe dos apóstolos. No meado do seculo 15.^o ameaçava ruina; o papa Nicolau V desde logo formou o proposito de a reconstruir, e Julio II lançou a primeira pedra nos fundamentos do templo que hoje admiramos, aos 18 de abril de 1506.

A praça que antecede esta basilica é como vem a tão magestoso edificio. É circumdada por columnas, formando uma balaustrada, que sustenta cento e trinta e seis estatuas de santos martyres e fundadores de ordens religiosas; estas estatuas são interpostas por os escudos das *armas* (distinctivo de familia) dos pontifices que tiveram parte na edificação. No centro da praça ergue-se a cruz, que sobre uma só pedra de granito de setenta e quatro pés de altura annuncia o seu triumpho. As estatuas colossaes dos santos Pedro e Paulo, e duas elegantes fontes mui ricas d'aguas aformoseam tambem a bella praça de S. Pedro.

Foi tal o empenho na erecção do obelisco, que se levanta no meio da praça, que quando se conseguiu assental-o na base os sinos e canhões annunciaram *victoria!* Diz-se que tendo-se enganado Fontana, o architecto, no tamanho das cordas, estivera para ser desastroso o successo no acto de o erguerem, se um maritimo de San-Remo, chamado Bresca, não bradasse: *Acque alle funi...* Este episodio acha-se representado em um *fresco* da bibliotheca do Vaticano.

É grande a quantidade de obeliscos que se vêem collocados em Roma, e que ornarn as suas praças. Os imperadores romanos, dominando o Egypto, fizeram transportar muitos a Roma para decorar as praças publicas, os circos e outros logares, onde queriam ostentar o seu poder.

A respeito das fontes que correm na praça de S. Pedro, conta-se, (e far-se-ha assim uma idéa da sua magnificencia e belleza) que quando a rainha Christina de Suecia as viu pela primeira vez, as achou de tal effeito, que agradeceu o espectáculo aos officiaes que a acompanhavam, julgando que lhe estava preparado, correndo aliás ellas sempre assim e *coram omnibus*.

Se a praça de S. Pedro apresenta effeitos magestosos da arte, não nutre com menos impulso a fé, a lembrança de que era o circo de Nero, o theatro de seus furores, onde se saciava do sangue dos fieis.

A fachada da basilica, precedida por soberba escadaria, tem duzentos e cincoenta palmos de altura sobre quinhentos e trinta e dous de largura, nota-se esta imperfeição, talvez calculada para que a maior elevação não assombrasse a magnificencia da cupula.

Entrando-se no vestibulo, que é tal que se conta haver satisfeito a curiosidade de um suizo, que tinha ido a Roma para ver S. Pedro; vê-se á direita a estatua historica de Constantino, no acto da visão da Cruz, por cuja força devia vencer; e á esquerda a de Carlos Magno, da mesma dimensão, e com a fronte laureada ao modo dos imperadores romanos.

Os dous imperadores são de grata nomeada nos annaes da Igreja.

A's cinco portas da fachada estão fronteiras as do templo, que conserva a clausura por uma d'ellas, e só a quebra no jubileu santo, como em um tempo especial de *graça e indulgencia*. A essa porta, ainda quando fechada, são attrahidos os peregrinos, aproximando-se-lhe devotamente.

Ao ingresso no templo fica-se surprehendido, e até porque *parce* achar-se menos do que se esperava! e tudo isto resulta da impossibilidade de se comprehender em tão pouco obra tamanha! A boa medida, que outra cousa não é a proporção, e que é uma das maravilhas de S. Pedro, illude agradavelmente o peregrino, que visita a basilica; e a riqueza tão variada deslumbra-o.

O templo mede oitocentos e trinta e sete palmos de comprimento e seiscentos e sete de largura!

Andando na basilica, fica da direita uma antiga estatua de bronze, que se venera, porque representa S. Pedro; e nós a veneramos, unindo-nos aos muitos outros peregrinos e viajantes que com seus osculos tem gastado alguns dos dedos dos pés da imagem.

Na extremidade da nave principal se levanta o altar maior ou pontifical, que foi benzido por Clemente VIII, em 1594. N'este altar se conserva, segundo uma pia tradição, um altar, dedicado a S. Pedro no templo de S. Silvestre e de Constantino, no anno de 330. O papa officia n'elle tres vezes por anno: *Natal, Paschoa, e S. Pedro*; e só por um breve especial, e feito por uma só vez, ali pode celebrar um cardeal, como de ordinario acontece na festa da cadeira de S. Pedro.

Sobre o altar pontifical ha um tabernaculo precioso e de forma antiga, á maneira de sobrecéu ou docel, e sobre quatro columnas espiraes. Esta obra, entre as de bronze a maior, foi executada por Bernini, no pontificado de Urbano VIII. A fundição de tal obra custou 60:000 escudos romanos; e a douradura 40:000. O metal foi comprado em Veneza, e empregaram-se 186:000 libras romanas de onze onças.

Ao fundo da igreja levanta-se o sumptuoso monumento, onde como em relicario se conserva a cadeira de S. Pedro; obra de Bernini, executada por ordem de Alexandre VII.

Inferiormente ao altar-mór encontra-se uma capella subterranea, allumiada por oitenta e nove alampadas de bronze dourado, aonde é fama que os primeiros christãos iam orar: acham-se n'esta veneranda capella as reliquias dos dous apóstolos, e a estatua de Pio VI, devida ao primoroso cinzel de Canova.

As alampadas apagam-se na sexta feira santa, e antigamente eram substituidas por uma cruz illuminada, que fazia tal effeito e admiração, que em 1824 Leão XII prohibiu a continuação d'este costume, para evitar os escandalos a que a curiosidade de a ver dava lugar.

Quando se entra no templo a primeira capella á direita é a de Nossa Senhora. Ali se admira um quadro representando a Virgem com o santissimo Filho morto nos braços, que é a primeira obra do grande Miguel Angelo.

Na capella, chamada gregoriana por ter sido construida no pontificado de Gregorio XIII, existe o corpo de S. Gregorio Nazianzeno, e o tumulo d'aquelle papa, muito conhecido pela reforma do calendario, que effectuou em 1582.

É tambem digno de notar-se o mausoleu da rainha Christina de Suecia, que abjurou o lutheranismo em Inspruck no anno de 1655, e o da condessa Mathilde, celebre por suas doações á Igreja, e por ter defendido os papas.

Mas nada ha mais admiravel em S. Pedro, que a famosa cupula; é esta sustentada por pilastras, que

medem em circumferencia trescentos e vinte palmos. Nos vãos das pilastras ha quatro capellas de coradas com as estatuas colossaes de S. André, da S. Veronica, de S. Helena e de S. Longuinhos. Estas estatuas tem relação com as reliquias preciosissimas, que ahi se encontram, e são a *Santa Veronica*, uma parte da Cruz, achada por S. Helena; a Lança com que o soldado, conhecido depois por Longuinhos, feriu o lado de Jesus Christo, e a cabeça de S. André. Estas reliquias só se mostram em certos dias; e para se subir ao sitio em que se acham é mister ser conego em S. Pedro, ao menos titular; semelhante titulo sómente é concedido a estrangeiros de alta jerarchia. Ladislau, depois rei de Polonia, o recebeu de Urbano VIII; Cosme III, grão-duque de Toscana, de Innocencio XII. E o imperador Frederico III, achando-se em Roma para a sua coroação, obteve de Nicolau V licença para ver, vestido de conego, a toalha da *Santa Veronica*.

A cupula é coroada por uma como lanterna, que pode considerar-se um segundo zimbório, e em torno da qual se passeia seguro. A esphera de que é sobrepujada tem oito pés de diametro; sobre a esphera assenta a cruz, com treze pés de altura; desde a extremidade superior d'esta até o nivel da praça não se contam menos de seiscentos pés!

Remataremos esta imperfeita descripção do templo de S. Pedro apontando os nomes dos pontifices que concorreram para tão pasmosa obra. Julio II, como já dissemos, lançou a primeira pedra a 18 d'abril de 1506. O desenho primitivo deveu-se a Bramante. Leão X mandou continuar a obra, alterando porém um pouco a antiga traça. Depois da morte d'este papa suspenderam-se os trabalhos, que Paulo III ordenou que proseguissem, escolhendo outro architecto, que propoz um novo plano. Estava porém reservada ao grande Miguel Angelo a gloria de conceber, e em grande parte executar, o pensamento de tão magestosa basilica. Miguel Angelo falleceu em 1560, mas os trabalhos continuaram em conformidade do seu risco.

Quarenta e seis annos depois, sob Paulo V, Moderno acabou a igreja, e levantou a fachada. No pontificado de Alexandre VII o cavalheiro Bernini construiu a galeria que circumda a praça. Pio VI mandou construir a sacristia, que Miguel Angelo não tinha incluído no seu plano. Desde que se lançou a primeira pedra no edificio de S. Pedro tem decorrido tres seculos, em que foi governada a Igreja de Christo por trinta e quatro pontifices!

Nem poderão esquecer entre estes Gregorio XIII, Sixto V, Clemente VIII e Innocencio X. Tambem são dignos de memoria os architectos Giacomo d'ella Porta, e Carlo Marchionini, cujos nomes se acham ligados á historia da basilica de S. Pedro.

Não é facil calcular as sommas que ella tem custado. Fontana orçou-as, até 1693, em quarenta e sete milhões de escudos romanos! Mas quanto se não terá despendido depois? A totalidade deve de ser enorme.

Hoje fiquemos aqui.

(Continúa.)

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES MATHODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

II.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

A RESPEITO do *q*, apesar de que os antigos o tivessem declarado ocioso, admite Duarte Nunes a sua

necessidade, "para escrevermos todas as dicções que os latinos por ella escrevião, como por a adulterina pronunciação que por ella viemos dar ao *c*, junto a estas letras *e*, *é*, de que nos ficou necessidade de socorrermos com *que*, *qui*, para correrem todas vogaes de um soído e pronunciação, e dizermos: *ca*, *que*, *qui*, *có*, *cú* etc."

O empenho de ir sempre contra as idéas professadas por João de Barros leva Duarte Nunes a negar o que todos geralmente tem hoje por incontraverso, a existencia de dous sons distinctos para a letra *r*. Duarte Nunes reconhece apenas um; mas como na questão dos *oo*, vem por fim a concluir que sendo apenas um em potestade se pronuncia realmente de dous modos, o que em ultimo resultado é exactamente a mesma cousa.

"*R*, diz Leão, é letra semi-vogal simples, e não de duas maneiras, como os vulgares cuidam, que poem no seu alphabeto duas figuras; uma que dizem ser de *r* singello, e outra de *r* dobrado, que se poem no principio das dicções, ou quando soa como dobrado. O que é grande erro. Porque d'essa maneira a todas as letras podiam dar duas figuras, uma pera quando são singellas, e outra pera quando são dobradas. Pelo que hemos de dizer, que não ha mais, que um *r* em potestade. O qual quando se dobra em voz, se dobra tambem em numero. E o que enganou aos vulgares foi, que aas vezes sem se dobrar, se pronuncia, quasi como dobrada, sendo na verdade singella, etc."

Duarte Nunes nega tambem, contra João de Barros, que o *s* tenha dous valores, e estranha que os vulgares o representem de duas maneiras *s* e *f*.

"*S*, diz elle, é letra semivogal, e mais assovio que letra, segundo dizia Marco Messala. Donde veo, que a figura d'ella denotaram como uma cobra enroscada, por parecer mais pronunciação de cobra, que de homens. A qual letra, ainda que os vulgares a figurem em seu alphabeto de duas maneiras, assim *f* *s*, em potestade e força, é uma só letra. Porque essa differença é para a graça da scriptura, mas não para fazer differença na pronunciação. Esto lembro, porque ha alguns que cuidam que de *s* ha duas especies, isto é, um que se pronuncia dobrado, e que se usa no principio, que é o comprido *f*, outro curto, assim *s*, mais brando, para o cabo da syllaba. O que não é assim etc."

O *v* é confundido por Duarte Nunes com o *u*, segundo era usança do seu tempo, distinguindo-os apenas no começo das dicções, e usando do *u* no meio das palavras, quer para representar vogal, quer para exprimir consoante.

Sobre o *x*, o *y* e o *z* não ha nada de particular na doutrina de Leão, tendo o *x* um valor unico, o *y* o som de *i*, e o *z* uma pronunciação feita por uma maneira que soa entre *s* e *ç*.

Leão passa agora a tratar dos dithongos. Diz possuir a lingua portugueza dezeseis, que são *ãa*, *ãe*, *ai*, *ão*, *au*, *êe*, *ei*, *eu*, *ij*, *ou*, *oi*, *ôi*, *ôo*, *ou*, *ui*, *ũu*, que divide em tres cathogorias. 1.^a os latinos, que diz serem *ao*, *ei*, e *eu*. 2.^a os communs, com os castelhanos: *ai*, *oi*, *ui*. 3.^a os que são peculiares do nosso idioma, que são os restantes.

Passa depois a tratar das palavras em que elles se empregam; porém esta parte pertence mais á orthographia do que á arte de ler: portanto encerraremos por aqui a analyse de Duarte Nunes de Leão.

J. M. LATINO COELHO.

— Não ha cousa que nos possa enfadar, sendo feita de boa vontade.